Dia 1 — São Pedro ad Vincula (São Pedro das Cadeias)

Depois que a Igreja celebrou com tanta solenidade as maravilhas e o glorioso triunfo do Príncipe dos Apóstolos no dia 29 de junho, institui hoje uma festa particular para honrar singularmente sua prisão e suas cadeias, e sobretudo o insigne milagre que Deus obrou para livrá-lo delas. Era muito justo que, tendo o Senhor feito um prodígio tão ilustre pelas orações de toda a Igreja, para conservar-lhe sua cabeça visível, consagrasse ela todos os anos esta memória com particular solenidade.

Querendo Deus castigar os pecados dos gentios, diz São João Crisóstomo, e especialmente o ódio mortal que os judeus haviam concebido contra os apóstolos, afligiu a Judeia com uma horrível fome, que pouco tempo antes havia prognosticado o profeta Ágabo. Mas não foi este açoite o que mais mortificou os fiéis; mais lhes deram que padecer os inimigos da fé na sangrenta perseguição que por aquele mesmo tempo suscitaram contra eles.

Era então rei dos judeus Herodes Agripa, o qual possuía como soberano todos os Estados que em outro tempo haviam sido de seu avô Herodes Ascalonita. Tinha o título de rei, que lhe quisera conceder o imperador Cláudio, ainda que não gozasse de toda a autoridade nem de todo o poder, repartidos uma e outro entre ele e os magistrados romanos. Era Agripa filho de Aristóbulo e neto da virtuosa Mariamne. Haviam-no criado nas máximas de uma política mundana, sempre oposta à lei de Deus e às regras da consciência, podendo-se dizer que não herdara menos a crueldade que a coroa do mais desumano e do mais ímpio de todos os reis.

Mal tomou posse do reino da Judeia, ao qual em seu favor agregou o imperador a província da Samaria, declarou guerra aos fiéis, resolvido a apagar inteiramente da memória o nome cristão. Mandou prender a muitos e chegou a tirar a vida a alguns, entre eles a São Tiago, irmão de São João, a quem mandou cortar a cabeça. Esta injusta sentença deu grande gosto aos judeus, mostrando todos muito regozijo. E como Herodes pretendia ganhar a inclinação e o amor do povo, para o que não omitia meio algum, pareceu-lhe que não poderia granjeá-los melhor do que continuando a perseguição contra os cristãos, e que o atalho para exterminá-los era começar por sua cabeça, não duvidando de que, derrubada esta coluna, viria abaixo todo o edifício. Deu, pois, ordem para que fosse preso São Pedro na festa da Páscoa do ano 44 de Jesus Cristo, e mandou que o guardassem numa estreita prisão, pondo-lhe a guarda de dezesseis soldados, que deviam revezar-se de quatro em quatro a cada vigília da noite. Era seu intento tirá-lo do cárcere passadas as festas e entregá-lo nas mãos do povo judaico, furiosamente irritado contra o santo apóstolo.

Sobressaltaram-se todos os fiéis; mas tiveram mais força as fervorosas e contínuas orações de toda a Igreja para libertar o príncipe dos apóstolos do que todas as precauções e toda a malícia do tirano. Na noite anterior ao dia em que Herodes resolvera fazê-lo comparecer e entregá-lo à discrição de seus inimigos, estava o santo deitado e dormindo sossegadamente entre dois soldados, os quais, segundo o costume daquele tempo, lhe tinham estreitamente ligadas ambas as mãos por meio de umas algemas, enquanto outros faziam sentinela à porta da prisão para que não escapasse; mas nada bastou para embaraçar a recuperação de sua liberdade.

Apareceu-lhe o anjo do Senhor cercado de um resplendor celestial, que encheu de claridade o lôbrego calabouço, mas sem ser visto por outro que não o santo; tocou-o num lado, despertou-o e mandou-lhe que se vestisse quanto antes. Naquele mesmo ponto caíram-lhe as algemas das mãos sem que os soldados o percebessem. «Cinge a túnica (acrescentou o anjo), calça-te, toma teu manto e segue-me.» Obedeceu prontamente, saiu da prisão, foi seguindo o anjo, mas ainda duvidoso se era verdade ou sonho o que lhe sucedia, não podendo, apesar de um acontecimento tão extraordinário, persuadir-se de que não dormia. Pouco tardou, porém, em conhecer que não sonhava; porque o anjo, depois de tê-lo tirado de entre os soldados aos quais estava preso pelas mãos, levou-o por meio dos outros que faziam guarda à porta, e dali o conduziu a outra que se chamava a porta de Ferro e dava para a cidade, a qual se abriu por si mesma. Nem ali o deixou ainda o anjo; acompanhou-o até o fim de uma rua comprida e desapareceu. Então acabou São Pedro de conhecer claramente que era realidade o que lhe parecia sonho, e exclamou dizendo: «Agora sei com certeza que o Senhor se dignou enviar-me seu anjo para que me livrasse das mãos de Herodes e frustrasse a esperança que tinham os judeus de tirar-me a vida.» Esta milagrosa libertação, solicitada pelas orações da Igreja e posta em execução por um anjo enviado de Deus para tirar-lhe as cadeias, é o objeto das graças que hoje se rendem ao Senhor por ter conservado a cabeça visível de sua Igreja.

Para perpétua memória de tão ilustre maravilha, procuraram os fiéis tornar-se donos das cadeias que aprisionaram o santo apóstolo, as quais se guardam cuidadosamente para transmitir à posteridade este insigne monumento de uma graça tão singular. Tendo feito a viagem da Palestina a imperatriz Eudóxia, mulher de Teodósio, o Moço, no ano de 439, com o piedoso fim de visitar a Terra Santa, deteve-se algum tempo em Jerusalém e mostrou desejo de algumas relíquias. Quis o patriarca Juvenal contentar-lhe a devoção, e pareceu-lhe que não lhe podia fazer presente mais precioso, nem que fosse mais de seu gosto, do que oferecer-lhe as duas cadeias com que São Pedro fora aprisionado. Recebeu-as a imperatriz com veneração e com gozo; reservou uma delas para a igreja de Constantinopla e deu a outra a sua filha Eudóxia, que dois anos antes se casara com o imperador Valentiniano III. Não cabendo em si de contente a jovem imperatriz com o piedoso presente, mostrou-o logo ao papa Sisto III, o qual correspondeu por sua parte mostrando também à imperatriz outra cadeia, com que Nero tivera aprisionado o mesmo santo apóstolo antes de sentenciá-lo à morte, e que se conservava em Roma com muita veneração. Assegura-se que, tendo o papa aproximado uma cadeia da outra, no mesmo instante se uniram as duas tão perfeitamente que formaram uma só, e parecia obra de um mesmo artífice. Com este milagre cresceu muito a devoção que já se tinha às preciosas cadeias, e a imperatriz Eudóxia, neta do imperador Arcádio, mandou edificar no monte Esquilino uma magnífica igreja em honra do santo apóstolo, onde se conservaram as duas cadeias, que já pareciam uma só. A princípio chamou-se esta igreja de Eudóxia, tomando o nome de sua fundadora; depois deu-se-lhe o de São Pedro ad

Vincula, e é título cardinalício. Assim pelas maravilhosas curas como por outros milagres que Deus obrou ao contato destas cadeias, fizeram-se elas célebres em todo o universo, e aumentou muito a devoção dos fiéis.

Diz Santo Agostinho que o ferro das cadeias de São Pedro era entre os cristãos mais estimado que o ouro, por o considerarem santificado pelo que havia atormentado o santo apóstolo. Em prova disso, consta-nos por São Gregório Magno que em seu tempo era costume muito comum enviar como relíquias as limalhas das cadeias de São Pedro, e que por meio delas obrava Deus grandes milagres, sendo o próprio papa quem as limava para tirar o pó. O mesmo São Gregório, que falava nisto por experiência própria e pela de seus predecessores, afirma que muitas vezes a lima tirava o pó sem a menor dificuldade; mas que outras, quando o pediam certas pessoas, por mais que se limasse, não havia meio de desprender-se um só grão. As limalhas engastavam-se umas vezes em cruzes e outras em chavezinhas de ouro ou de prata, as quais, atadas a um cordãozinho, se faziam descer até tocarem o sepulcro do santo apóstolo, e depois se traziam pendentes ao pescoço como preservativo contra toda sorte de males e acidentes molestos da vida. Isto escrevia aquele grande pontífice a Childeberto, rei da França, enviando-lhe uma daquelas chavezinhas, guarnecida com as limalhas das cadeias. Refere-lhe ao mesmo tempo o exemplar castigo de certo senhor lombardo que, zombando da virtude sobrenatural que a elas se atribuía, e quebrando uma por desprezo para tirar o ouro em que estavam engastadas as limalhas, foi no mesmo ponto possuído pelo demônio e entrou em tanto furor que tirou a vida com as próprias mãos.

O conde Justiniano, sobrinho do imperador Justino e seu sucessor no império, desejou ter algumas relíquias de São Pedro, depois de lhe ter dedicado uma magnífica igreja que mandou edificar a suas expensas em Constantinopla. Enviou-lhe o papa Hormisdas um pano santificado, isto é, tocado em seu santo sepulcro, com uma chavezinha ou cruz enriquecida com limalhas de suas cadeias. Os panos santificados, como assegura São Gregório, eram recebidos em toda parte com muito respeito. Colocavam-se como relíquias nas igrejas consagradas a Deus em honra do santo e obravam os mesmos prodígios que se nelas estivesse o próprio corpo. Acrescenta também o santo que algumas vezes estes panos destilavam sangue quando eram cortados, e que havia muitas testemunhas desta maravilha.

Achando-se na Itália, no ano de 969, um conde muito estimado do imperador Otão, o Grande, apoderou-se dele o demônio com tanta fúria que ele próprio se despedaçava com os dentes. Compadecido o imperador do lastimoso estado de seu favorito, mandou que o levassem ao papa João XIII, para que o fizesse exorcizar. Mas, mal lhe lançaram ao pescoço a cadeia de São Pedro, saiu de seu corpo o demônio dando espantosos alaridos. Ficou tão assombrado com esta maravilha Teodorico, bispo de Metz e primo-irmão do imperador, que, agarrando-se fortemente à cadeia, protestou que não a largaria enquanto não lhe dessem um elo; concederam-lho, e é o mesmo que hoje se guarda no mosteiro de São Vicente de Metz como preciosa relíquia.

As cadeias com que São Pedro foi preso em Roma no tempo de Nero foram, desde aquele mesmo tempo, singularmente veneradas pelos fiéis. Achando-se na prisão Santo Alexandre, papa e mártir, curou milagrosamente uma senhora romana por nome Balbina; e, querendo ela beijar as cadeias em que ele estava preso, não lho permitiu o santo pontífice, dizendo-lhe: «Essa reverência só se deve às cadeias de São Pedro; ide, fazei que vo-las mostrem e beijai-as com respeito.»

Entre os sermões de São João Crisóstomo acha-se um sobre a festa deste dia, que o cardeal Barônio julga ser de São Proclo ou de São Germano, sucessores do santo: *Hic enim dies*, diz o autor, *venerandas ejus catenas manifestas ostendit, et earum adorationem proponit, quibus apostolus devinctus, multiplices ejus, qui est malorum omnium origo, nodos ac machinas dissolvit, et quos diabolus adstrictos tenebat, eos ereptos a morte sempiterna liberavit.* «Este é o dia em que se expõem aos olhos e à veneração dos fiéis aquelas veneráveis cadeias com que foi preso São Pedro, à vista das quais o mesmo santo apóstolo desata os nós e dissipa todos os artifícios malignos daquele que é funesta origem de todos os males e, fazendo-nos alcançar gloriosa vitória do inimigo de nossa salvação, livra-nos da morte eterna.» «Eram estas cadeias (acrescenta o mesmo) o mais belo ornamento do santo apóstolo, que triunfava de alegria vendo-se oprimido por elas: *His catenis Apostolus ornabatur; his exultans ac gestiens se oblectabat.* A Igreja, aquela casta esposa de Jesus Cristo, honra-se e adorna-se com estas cadeias como com um rico colar e preciosa coroa, que a torna mais brilhante aos olhos de seu divino Esposo: *His et nunc sanctissima ac pura Christi sponsa Ecclesia, tanquam splendido monili, ac velut corona quadam decorata ad dexteram sui sponsi partem assistit.* Em todo tempo, mas singularmente neste dia, tenhamos grande veneração a estas cadeias; toquemo-las com confiança; beijemo-las com respeito: *Has, inquam, catenas hodierno die amplexamur; has reverenter veneramur, et colimus.* Na verdade, seria muito justo reverenciar com muita devoção não só estas sagradas cadeias, mas tudo o que serviu ao uso daquele santo apóstolo, vigário de Cristo na terra, intérprete fiel de seus segredos, órgão de sua vontade e oráculo dos fiéis: *Deceret certe, deceret non solum catenas quæ manus illas adstrinxerunt, magnopere venerari, sed etiam indicia omnia, ad quæ apostoli membra accesserunt, singulatim amplecti ac revereri, et in illis singulis diem festum ac panegyrim venerari.*»

Refere depois o modo de que se valeu a divina Providência para conservar à posteridade estas preciosas cadeias. Diz que, tendo ficado no cárcere as cadeias com que estava preso o santo apóstolo, alguns guardas, que se converteram à vista do prodígio de sua milagrosa libertação, tiveram o cuidado de recolhê-las e com grande segredo as entregaram aos fiéis de Jerusalém, os quais deixaram este escondido tesouro a seus descendentes, e estes o conservaram com o maior sigilo, até que, abolido o paganismo, se acharam com liberdade para venerar publicamente aquelas santas relíquias. *Ipsi Herodis ministri, quibus divinæ cognitionis lumen effulserat, clam sustulerunt, et apud ipsos velut thesaurum quemdam eas conservarunt: quod sero a patre suo, ut dicitur, traditum, et de catenis illis narratum sibi quisque acceperat, posteris suis deinceps tradebat, et tuto in loco catenas illas servabat*, etc.

«Oh, se me fosse lícito (continua o mesmo santo) ver aquele calçado e aquela roupa que o anjo lhe mandou vestir! *Illa certe apertis ulnis exciperem, et amplecterer*: seguramente não deixaria de estreitá-los reverentemente em meus braços, de aplicá-los ao meu coração e de venerá-los como preciosa relíquia. *Tu vero, o Petre, Christi Ecclesiæ petra et firmamentum, summe apostolorum vertex... qui catenas has instar scelerati alicujus hominis pertulisti, et curationum fontem illas reddidisti, tu, quæso, adesto hodie misertus nostri, et hoc in loco spiritu venerare*: e tu, ó Pedro, pedra fundamental da Igreja de Jesus Cristo, seu apoio, e príncipe dos apóstolos, que levaste estas cadeias como se fosses um facínora e com teu contato as converteste em fonte de milagrosas curas, tem misericórdia de nós e, compadecido de nossas misérias, favorece-nos hoje com tua poderosa proteção.»

Se a sombra de São Pedro, diz Santo Agostinho (Serm. 2), foi tão salutar, quanto mais o serão as cadeias com que foi aprisionado? Ó ditosas cadeias, que vos convertestes em coroas! Ó bem-aventurados grilhões, e quão dignos sois de nosso respeito!

Esta festiva memória de São Pedro ad Vincula fixou-se no dia primeiro de agosto, em que se celebra a dedicação de sua igreja, com cuja festividade se procurou desterrar os profanos regozijos que em tal dia costumavam fazer os gentios em memória da ímpia consagração do templo do deus Marte.

Martirológio Romano

Em Roma, no monte Esquilino, a dedicação de São Pedro das Cadeias.

Em Antioquia, o suplício dos sete irmãos Macabeus, que padeceram o martírio com sua mãe sob o rei Antíoco Epífanes. Suas relíquias, levadas a Roma, foram depositadas na mesma igreja de São Pedro das Cadeias.

Em Roma, o suplício de Santa Fé, Santa Esperança e Santa Caridade, virgens, que receberam a coroa do martírio sob o imperador Adriano.

Também em Roma, na via Latina, os mártires São Bono, presbítero, São Fausto e São Mauro, com outros nove, que são mencionados nas Atas de Santo Estêvão, papa.

Em Filadélfia, na Arábia, São Cirilo, Santo Áquila, São Pedro, São Domiciano, São Rufo e São Menandro, os quais receberam todos no mesmo dia a coroa do martírio.

Em Perga, na Panfília, São Leôncio, Santo Ato, Santo Alexandre e outros seis aldeões, mártires, que, durante a perseguição de Diocleciano, perderam a vida pela espada por ordem do presidente Flaviano.

Em Gerona, na Espanha, a festa de São Félix, mártir, que, depois de ter padecido diferentes espécies de tormentos, foi despedaçado a açoites por ordem de Daciano, até entregar a Jesus Cristo uma alma invencível a tamanhos tormentos.

Em Vercelli, Santo Eusébio, bispo e mártir, que foi desterrado para Citópolis e dali para a Capadócia pelo imperador Constâncio, por ter confessado a fé católica. Voltando com o tempo à sua igreja, a perseguição ariana lhe proporcionou a suspirada coroa do martírio.

Na região de Paris, São Justino, mártir.

Em Vienne, São Vero, bispo.

Em Winchester, na Inglaterra, Santo Etelvoldo, bispo.

No país de Lieuvin, São Nemésio, confessor.

Em Bayeux, Santo Espiro (Exupério), bispo, cujo corpo se venera em Corbeil, perto de Paris, na igreja de seu nome.

Em Vienne, São Nectário, bispo.

Em Bourges, Santo Arcádio, bispo.

Em Soissons, São Bandrido, bispo.

Em Bigorra, São Severo, cura de Sessac.

Entre os gregos, os santos mártires Menas e Meneu.

Na Inglaterra, São Quineth, confessor, do qual há uma igreja na península de Gower.

Em Verona, Santa Maria Consoladora, irmã de Santo Anão, bispo da dita cidade.

Missa (oração)

A missa é em honra do santo, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Deus, qui beatum Petrum apostolum a vinculis absolutum, illæsum abire fecisti; nostrorum, quæsumus, absolve vincula peccatorum, et omnia mala a nobis propitiatus exclude. Per Dominum nostrum...*

Português: Ó Deus, que livrastes o apóstolo São Pedro de suas cadeias e o pusestes em liberdade sem que recebesse dano algum; nós vos suplicamos que rompais as cadeias de nossos pecados e que por vossa bondade afasteis de nós todos os males que nos ameaçam. Por nosso Senhor...

Epístola

A epístola é do capítulo 12 dos Atos dos Apóstolos.

Atos dos Apóstolos 12,1-11

>

> **Latim:** [1] Eodem autem tempore misit Herodes rex manus, ut affligeret quosdam de ecclesia. [2] Occidit autem Jacobum fratrem Joannis gladio. [3] Videns autem quia placeret Judæis, apposuit ut apprehenderet et Petrum. Erant autem dies Azymorum. [4] Quem cum apprehendisset, misit in carcerem, tradens quatuor quaternionibus militum custodiendum, volens post Pascha producere eum populo. [5] Et Petrus quidem servabatur in carcere. Oratio autem fiebat sine intermissione ab ecclesia ad Deum pro eo. [6] Cum autem producturus eum esset Herodes, in ipsa nocte erat Petrus dormiens inter duos milites, vinctus catenis duabus : et custodes ante ostium custodiebant carcerem. [7] Et ecce angelus Domini astitit, et lumen refulsit in habitaculo : percussoque latere Petri, excitavit eum, dicens : Surge velociter. Et ceciderunt catenæ de manibus ejus. [8] Dixit autem angelus ad eum : Præcingere, et calcea te caligas tuas. Et fecit sic. Et dixit illi : Circumda tibi vestimentum tuum, et sequere me. [9] Et exiens sequebatur eum, et nesciebat quia verum est, quod fiebat per angelum : existimabat autem se visum videre. [10] Transeuntes autem primam et secundam custodiam, venerunt ad portam ferream, quæ ducit ad civitatem : quæ ultro aperta est eis. Et exeuntes processerunt vicum unum : et continuo discessit angelus ab eo. [11] Et Petrus ad se reversus, dixit : Nunc scio vere quia misit Dominus angelum suum, et eripuit me de manu Herodis, et de omni exspectatione plebis Judæorum.

Português: [1] E NESTE mesmo tempo enviou o rei Herodes tropas, para maltratar a alguns da igreja. [2] E matou á espada a Tiago, irmão de João. [3] E vendo que agradava aos Judeos, fez tambem prender a Pedro. Erão então os dias dos asmos. [4] Tendo-o pois feito prender, metteo-o num carcere, dando-o a guardar a quatro esquadras, cada huma de quatro soldados, com tenção de o presentar ao povo depois da Pascoa. [5] E Pedro estava guardado na prisão a bom recado. Entretanto pela igreja se fazia sem cessar oração a Deos por elle. [6] Mas quando Herodes estava para o apresentar, nessa mesma noite se achava dormindo Pedro entre douos soldados, liado com duas cadeias: e as guardas á porta vigiavão o carcere. [7] E eis-que sobreveio o anjo do Senhor: e resplandeceo huma claridade naquella habitação: e tocando a Pedro em hum lado, o despertou, dizendo: Levanta-te depressa. E cahírão as cadeias das suas mãos. [8] E o anjo lhe disse: Toma a tua cinta, e calça as tuas sandalhas. E féllo Pedro assim. E o anjo lhe disse: Põe sobre ti a tua capa, e segue-me. [9] E sahindo, o hia seguindo, e não sabia que o que se fazia por intervenção do anjo era assim na realidade: mas julgava que elle via huma visão. [10] E depois de passarem a primeira, e a segunda guarda, chegárão á porta de ferro, que guia para a cidade: a qual se lhes abrio por si mesma. E sahindo, caminharão juntos o comprimento d'huma rua: e logo depois o deixou o anjo. [11] Então Pedro entrando em si, disse: Agora he que eu conheço verdadeiramente, que mandou o Senhor o seu anjo, e me livrou da mão de Herodes, e de tudo o que esperava o povo dos Judeos.

Nota

«Escreveu-se em grego o livro das Atas ou dos Atos dos Apóstolos, o qual é a história fiel da Igreja recém-nascida. Pergunta São João Crisóstomo por que razão não reduziu São Lucas a um só livro tanto o evangelho que escreveu como os Atos dos Apóstolos, de que foi também autor, visto que dirige a Teófilo uma e outra obra. Alega para isso muitas razões, e entre outras principalmente esta: porque o evangelho, escreveu-o na Acaia, no ano 57 de Cristo, sendo este o evangelho de que fala São Paulo em sua segunda epístola aos Coríntios; e os Atos dos Apóstolos, trabalhou-os em Roma, por volta do ano 62 ou 63 do mesmo Cristo.»

Reflexões

O martírio de Santo Estêvão foi efeito da inveja dos sacerdotes e doutores da lei e do furor de um populacho alvoroçado e raivoso contra Jesus Cristo. Mas quem agora excita a perseguição contra a Igreja é o próprio príncipe, sendo o mais estranho que o faz para lisonjear a paixão de um povo apaixonado e furioso, cujo amor pretende granjear à custa da justiça. Desta maneira se sacrificam a salvação e a religião às paixões e ao interesse de cada um. Mas não se pense que são somente os grandes do mundo os que muitas vezes preferem sua própria glória à de Deus, e seus gostos às suas obrigações e à sua consciência. Todos os dias, e em todas as condições, atreve-se o respeito humano a violar as mais sagradas leis. Todo o mundo quer ser lisonjeado, quer ser aplaudido, quer agradar; mas, «se eu quiser agradar aos homens (diz o apóstolo São Paulo), não serei servo de Jesus Cristo». Contanto que se agrade aos homens, nenhum cuidado dá desagradar a Deus. Declama-se contra a torpe injustiça de Herodes, que, por puro motivo de ambição, só para ganhar o afeto do povo, mandou prender São Pedro, carregou-o de ferros e condenou-o ao último suplício. Mas acaso somos nós mais religiosos do que ele, somos menos injustos, quando, para satisfazer nossa paixão, violamos os mandamentos da lei de Deus e perdemos a alma? Não se pode dizer com razão que os respeitos humanos entraram a ocupar o lugar dos perseguidores da religião? Quantos ímpios, quantos indevotos e, por assim dizer, quantos apóstatas da virtude cristã fazem a cada dia os respeitos humanos! Envergonha-se aquele de parecer virtuoso, e desde esse mesmo ponto deixa de sê-lo. Semelhantes às tímidas avezinhas, diz Santo Agostinho, que, espantadas com o ruído que de propósito se faz para levantá-las, saem do ninho ou abandonam a sarça onde estavam seguras e vão cair no laço que lhes tem armado o caçador. Quantos deixam o caminho da virtude por medo das zombarias e dos juízos dos homens e, tão imprudentes como covardes, não conhecem nem quão desprezível é o perigo que os atemoriza, nem quão terrível é aquele em que se lançam para fugir do primeiro! Oh, como se ririam eles de seu próprio temor, se conhecessem quão vão é em sua causa, e como o temeriam, se considerassem quão funesto é em seus fatais efeitos! Quão bem mostra a milagrosa libertação de São Pedro o grande cuidado que tem o Senhor de seus verdadeiros servos! Se são precisos milagres para tirá-los dos perigos, transtorna Deus em seu favor todas as leis da natureza. Nada importa que os três jovens israelitas sejam lançados numa fornalha acesa; no meio das chamas encontrarão o refrigério. Seja embora Daniel encerrado por muitos dias numa caverna em companhia de leões famintos; não receberá deles o mais leve dano. Por mais que guardem São Pedro estreitamente numa prisão, o carreguem de cadeias e o rodeiem de soldados, cair-lhe-ão as prisões e sairá com a maior segurança sem que o percebam os guardas. Prudência humana, todos os teus artifícios são fracos estorvos aos intentos de Deus. Oh,

quantos milagres veríamos, se não nos faltasse a confiança no poder e na bondade da divina Providência! Sirvamos a Deus com sincero e generoso coração; ponhamos todos os nossos interesses nas paternais mãos de nosso divino Senhor, e nada nos fará dano; de tudo cuidará aquele grande Deus que traz tão no coração os interesses dos que o amam e o servem.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 16 de São Mateus.

Mateus 16,13-19

> **Latim:** 13 Venit autem Jesus in partes Cæsareæ Philippi : et interrogabat discipulos suos, dicens : Quem dicunt homines esse Filium hominis ? 14 At illi dixerunt : Alii Joannem Baptistam, alii autem Eliam, alii vero Jeremiam, aut unum ex prophetis. 15 Dicit illis Jesus : Vos autem, quem me esse dicitis ? 16 Respondens Simon Petrus dixit : Tu es Christus, Filius Dei vivi. 17 Respondens autem Jesus, dixit ei : Beatus es Simon Bar Jona : quia caro et sanguis non revelavit tibi, sed Pater meus, qui in cælis est. 18 Et ego dico tibi, quia tu es Petrus, et super hanc petram ædificabo Ecclesiam meam, et portæ inferi non prævalebunt adversus eam. 19 Et tibi dabo claves regni cælorum. Et quodcumque ligaveris super terram, erit ligatum et in cælis : et quodcumque solveris super terram, erit solutum et in cælis.

Português: 13 E veio Jesus para as partes de Cesaréia de Filippe : e fez a seus discípulos esta pergunta, dizendo : Quem dizem os homens, que he o Filho do homem ? 14 E elles responderão : Huns dizem que João Baptista, mas outros que Elias, e outros que Jeremias, ou algum dos profetas. 15 Disse-lhes Jesus : E vós quem dizeis que sou eu ? 16 Respondendo Simão Pedro disse : Tu és o Christo, Filho de Deos vivo. 17 E respondendo Jesus, lhe disse : Bemaventurado és Simão filho de João : porque não foi a carne e sangue quem te revelou, mas sim meu Pai que está nos ceos. 18 Tambem eu te digo, que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra elle. 19 E eu te darei as chaves do reino dos ceos. E tudo o que ligares sobre a terra, será ligado tambem nos ceos : e tudo o que desatares sobre a terra, será desatado tambem nos ceos.

Meditação

Das aflições

Primeiro ponto

Considera que os trabalhos e as misérias desta vida não são puramente castigos, visto que o réu, quando sofre a pena que corresponde a seus delitos, não merece recompensa. Mas, querendo o Filho de Deus converter este desterro a que estamos condenados numa carreira gloriosa para nós, tirou-lhe o nome de suplício e deu-lhe o de combate, enobrecendo-o também com seu exemplo e com a dignidade de sua pessoa; de sorte que aquele que mais e melhor padece é o que alcança a maior coroa. Consideram-se as aflições desta vida como sinais de um Deus irritado e como efeitos de sua justa cólera; conceito errado: antes, pelo mais comum, são remédios específicos de um hábil e experimentado médico, e provas particulares do terno amor com que nos olha o melhor de todos os pais. Em que havia delinquido o inocente Abel? Que delito cometera José contra seus irmãos? E, contudo, um e outro são afligidos, odiados e perseguidos.

Quem foi jamais mais amado do Pai celestial que o Filho de Deus? Nele tinha o Pai Eterno todas as suas delícias. Todavia, as aflições foram como que a herança deste Filho querido. Dirão que Jesus Cristo se havia carregado com todas as nossas maldades. Mas, se o Filho querido não tomou outro caminho para entrar em sua glória, haverá outro para os servos rebeldes e culpados? Não devemos receber os trabalhos que a divina Providência nos envia como matéria de dor, mas de gozo. O verdadeiro cristão deveria afligir-se quando se vê cumulado de honras e de prosperidades do mundo, pelo muito que o desviam da semelhança com Jesus Cristo, sendo que toda a sua dita consiste em ser semelhante a este Senhor. Por isso dizia São Paulo que achava um requintado gosto nos trabalhos. Nunca discorreram os santos de outra maneira, e esta era a sua linguagem. As adversidades desta vida trazem consigo certo caráter de predestinação; pelo que São Gregório Nazianzeno as chama caminho real do céu: *Regia ad cœlum via.* Onde há coisa mais eficaz que a tribulação para converter o pecador e para adiantar o justo no caminho da perfeição, para conservá-lo na justiça, para preservá-lo da tibieza e para fortalecê-lo? Desenganemo-nos: a prosperidade torna a alma delicada e a sujeita aos sentidos; nenhuma coisa fomenta tanto as paixões como a prosperidade e a abundância; é certo que lisonjeiam o gosto, mas também debilitam e, por fim, extinguem de todo a virtude. Teria a humildade lançado em teu coração tão profundas raízes, se Deus não te houvesse humilhado com aquela vergonhosa desgraça que te enviou? A quem deves esse desapego dos bens terrenos senão à amorosa providência de Deus, que permitiu que os perdesses? A quem deves essa invencível paciência senão às enfermidades que te amargaram todas as coisas do mundo? E se o orgulho, se a concupiscência, se o amor-próprio ainda levantam a cabeça em meio às maiores aflições, que seria se tudo saísse à medida de teu gosto?

Segundo ponto

Considera que os trabalhos são, por assim dizer, o tesouro do Evangelho; mas tesouro escondido, que poucos acham; poucos sabem aproveitar-se dele, porque poucos sabem o que vale. Na cruz se encontram a vida, a salvação, a proteção de Deus, a força da alma, o compêndio e a prática das virtudes, com a perfeição da santidade. Oh, quantas riquezas encerram as aflições! Deveriam as adversidades ser para nós um copioso manancial de consolações; e de ordinário costumam ser

ocasião de queixas e de ressentimentos. Deveriam fortificar-nos e alegrar-nos; e comumente nos afligem, nos desalentam e nos abatem. «Não há coisa mais proveitosa para mim (dizia Davi) do que ver-me humilhado.» As flores costumam fazer mal à cabeça; o resplendor deslumbra; as honras encantam. Não se pensa na pátria quando tudo nos lisonjeia no desterro; mas, quando a terra que se pisa só produz espinhos e abrolhos; quando se habita numa região onde só se experimentam furacões e tempestades; quando o céu nunca se descobre sereno; quando sempre se come o pão misturado com lágrimas, então se contam os dias que faltam e se suspira por aquela ditosa hora em que se há de sair daquela região de trabalhos e amarguras. Grande cegueira é não conhecer o que valem as adversidades. «Bem-aventurados os que choram (diz o Salvador)», porque a consolação que se seguirá às suas lágrimas os recompensará com vantagem de tudo o que padecem. E não espera Deus a outra vida para consolá-los. No calabouço estava São Pedro; quem deixaria de compadecer-se de suas cadeias? Dormia São Pedro na prisão; mas Deus nunca dorme nas aflições dos que o amam. Não esquece seu apóstolo nos trabalhos; caem-lhe das mãos as prisões, e as portas se lhe abrem por si mesmas. Multiplique embora Herodes os guardas para que não escape; sai seguro e sereno, sem o menor estorvo, por meio das sentinelas. Meu Deus, quantos imprevistos socorros, quantos secretos recursos de uma providência todo-poderosa se experimentariam, se os homens soubessem aproveitar-se das aflições desta vida; se, em vez daquelas enfadonhas inquietações, daqueles ímpetos de impaciência, daquele mau humor; se, em lugar das escandalosas queixas, que não aliviam o trabalho, se beijasse humildemente a benéfica mão que pesa sobre nós e se bendissesse a Deus, que nos aflige!

Oh, Senhor, que dor me causa ter malogrado até aqui as ocasiões que se me ofereceram de dar-vos provas de meu amor e de minha confiança, não me aproveitando melhor de meus trabalhos! Pouco conheci o que valem as aflições desta vida; mas confio em vossa graça que daqui em diante saberei aproveitar-me melhor deste tesouro escondido.

Jaculatórias

> *Bonum mihi quia humiliasti me.* Sl 118.

Conheço, Senhor, que me é muito proveitosa a humilhação.

> *Virga tua, et baculus tuus ipsa me consolata sunt.* Sl 22.

Nenhuma coisa me consolou mais do que os golpes de vossa amorosa vara.

Propósitos

1. Por mais que o nascimento tenha sido rodeado de esplendor e de abundância; por mais que tenhas nascido grande e ditoso segundo o mundo, não há remédio: a vida está semeada de cruzes; ninguém se livra de trabalhos; está cheia de altos e baixos a vida do homem sobre a terra; em pleno dia padece seus eclipses a prosperidade; nenhum mortal foi por longo tempo feliz; as adversidades, os pesares e os desgostos nascem em todos os estados, em todas as condições e em todas as idades. Buscar um só que deles se exima é o mesmo que correr atrás de um fantasma. Os mais ditosos do mundo não são os que carecem de trabalhos, mas os que melhor sabem aproveitar-se deles. É, pois, de suma importância possuir esta ciência, adiantar-se nesta arte; sejas quem fores, não esperes viver sem ter que padecer. Mas estuda como padecer cristãmente e como aproveitar-te de todos os teus trabalhos. Os mais meritórios são aqueles que traz consigo o estado particular de cada um. Também dão abundante matéria à paciência cristã os reveses da fortuna; em todos eles louva a Deus como Jó. Saiu-te mal aquele negócio, perdeste aquele pleito, arrebatou a morte o filho, o parente, o protetor, o amigo; dize com Jó: «O Senhor mo deu, o Senhor mo tirou; cumpriu-se a sua vontade; seja bendito o seu nome.»

2. Quanto há que padecer nas famílias! O humor extravagante e violento de um marido dissipado; o gênio altaneiro, indócil, caprichoso de uma mulher altiva; as más inclinações dos filhos; a malícia dos invejosos ou dos competidores; uma desgraça nos negócios, uma enfermidade, um [...] é verdade; mas são cruzes; e por que as malograrás, não as recebendo como tais? A este duro exercício de paciência ligou Deus tua perfeição e talvez tua salvação; para que, pois, te inquietas? Bem pode ser que qualquer outro exercício de mortificação e de virtude fosse mais de teu gosto, mas não te seria tão proveitoso; o que agora tanto te pesa, e que quiseras sacudir de ti, é o que Deus te destinou. Guarda-te bem de reputar as aflições por desgraças; isso seria julgá-las pelos sentidos; olha-as com olhos cristãos e as estimarás como merecem. Elas são um manancial perene de graças que facilitam a salvação. É bom meio para torná-las salutares e doces dar de quando em quando graças a Deus, especialmente ao acabar a oração da manhã e da noite, pelos trabalhos que se dignou enviar-nos, como que dizendo: «Eu vos dou graças, Senhor, pela aflição que me enviastes; fazei por vossa piedade que ela me seja proveitosa e que me sirva para desprender-me dos vãos atrativos e bens aparentes deste mundo, para unir-me só a vós» (Jó 1): *Dominus dedit, Dominus abstulit: sicut placuit Domino, ita factum est; sit nomen Domini benedictum.*

Revision #1
Created 20 November 2026 20:50:58 by Admin
Updated 20 November 2026 20:50:58 by Admin